

**Reflexões sobre a verdade e a mentira nos *Ensaaios* de Montaigne:
tradução e provocações para repensar nossa realidade**

**Reflections on truth and lies in Montaigne's *Essays*: translation and
provocations to revise our current vision of the world**

*Jean-François Brunelière**
jean.bruneliere.ufrn@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: Michel Eyquem de Montaigne nos legou, no final do século XVI, seus famosos *Ensaaios*. Entre os múltiplos temas abordados pelo autor, escolhemos suas reflexões a respeito da verdade e da mentira, presentes no primeiro ensaio do livro III, para trazer uma discussão que ilustramos com uma tradução nossa, em português, de excertos selecionados no texto em francês moderno, proposto por Guy de Pernon em 2008. A leitura desses excertos (nunca traduzidos no Brasil) evidencia a riqueza do pensamento de Montaigne, totalmente em sintonia com o contexto histórico-social da época na qual viveu, mas permitirá também ao leitor tecer possíveis relações com a situação atual do mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Montaigne. Ensaaios. Tradução. Verdade e mentira.

ABSTRACT: At the end of the 16th century, Michel Eyquem de Montaigne gave us his famous *Essays*. Among the many themes addressed by the author, we chose his reflections on truth and lies in the first essay, in Book III, to start a discussion that we illustrate with a translation of excerpts selected in the text in modern French proposed by Guy of Pernon in 2008. Through the reading of these excerpts (never translated into Brazilian Portuguese) one may access Montaigne's rich thoughts, fully in line with the historical-social context of his time. However, readers may also establish relations with the current situation of the world.

KEYWORDS: Montaigne. Essays. Translation. Truth and lies.

* Doutor em Estudos da Tradução (PGET/UFSC) e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde atua na área de ensino de língua francesa.

Michel Eyquem de Montaigne (1533-1595) dedicou boa parte de sua vida à escrita dos *Ensaaios*. A primeira edição do livro I e do livro II é de 1580 e, a partir desse momento, o autor nunca desistirá de produzir novos ensaios e reeditar versões corrigidas e acrescentadas, bem como anotar edições já publicadas, até a sua morte. Ao longo dos cento e sete (107) ensaios que produziu, Montaigne abordou os temas que considerava importantes, um deles sendo, sem dúvida, o tema da mentira e da verdade. A intensa busca do conhecimento de si mesmo, sem tolerância para qualquer sombra de falsificação, leva o autor a uma quase obsessão. Logicamente esse tema perpassa diversos ensaios e se faz presente em muitas das suas reflexões, seja sobre a amizade, a morte, a vida pública ou as relações com os poderosos.

1 Considerações sobre a maneira de abordar a leitura dos *Ensaaios*

É uma característica dos *Ensaaios* não enclausurar um tema em um ensaio apenas, para depois tratar de outro assunto, mas, ao contrário, trabalhar os temas pouco a pouco, em camadas sucessivas, e abordar diversos objetos de reflexão, sem necessariamente manter uma coerência lógica formal entre todos eles ao longo de um ensaio definido. Assim, um tema particular pode ser apenas evocado em um parágrafo de um ensaio, para ser retomado em profundidade e extensivamente em outro. Quem lê os *Ensaaios* pela primeira vez pode se sentir desestabilizado pela aparente falta de firmeza na condução do debate pelo autor, quando, em plena discussão de um tema, ele o abandona repentinamente para discursar sobre algo, aparentemente, totalmente desvinculado do tema inicial. Erich Auerbach alerta os leitores dos *Ensaaios* sobre o fato de que Montaigne “diz tudo que lhe vem à cabeça, certo de que a coesão de sua personalidade será forte o bastante para manter a unidade do todo” (2007, p. 155) e que “o sentido cria as conexões muito mais que os conectivos sintáticos criam o sentido” (2007, p. 154). Montaigne utiliza também um método peculiar de raciocínio e de demonstração das suas ideias. Não procura convencer o leitor com argumentos fortes a favor das suas teses e apagando ou minimizando ideias diferentes das suas, que poderiam ser defendidas por possíveis contraditores. Rechaçando abordagens autoritárias ou ideológicas, Montaigne costuma avaliar objetivamente todos os aspectos de um tema, pesando cuidadosamente os aspectos positivos e negativos de cada ação ou pensamento,

testando ideias opostas para chegar na sua verdade, que, mesmo uma vez encontrada, ainda pode ser limitada em determinadas circunstâncias cuidadosamente enumeradas e descritas pelo autor. Essa maneira de raciocinar, assim como o fluxo livre de consciência que impõe mudanças bruscas de tema, não devem assustar o leitor. É preciso confiar em Montaigne e acreditar que, finalmente, obterá êxito na sua demonstração. As múltiplas correções, os acréscimos de citações e de observações, assim como as notas que deixou nos seus exemplares pessoais dos *Ensaíos* demonstram o profundo desejo de precisão de Montaigne, assim como o baixo nível de improvisação de sua escrita.

2 “Sobre o útil e o honesto”: um ensaio sem tradução recente

A opção pela tradução de excertos do primeiro ensaio do livro III, intitulado “Sobre o útil e o honesto”, se deve à riqueza da reflexão que este ensaio apresenta em relação ao tema da verdade e da mentira, relacionada dessa vez à questão do exercício do poder e à atividade dos diplomatas que intermediam essas ações. Vale notar que esse ensaio não consta na última seleção de ensaios traduzidos lançada no Brasil em 2010 (MONTAIGNE, 2010). Nossa tradução toma como texto de partida aquele proposto, em francês moderno, por Guy de Pernon¹ em 2008. Portanto, não se trata de uma “retradução”, “concorrente” daquela publicada em 2001 no Brasil², mas sim, da tradução em português de um “novo” texto proposto em francês (moderno), a partir da edição “histórica” de 1595.

Pode ser inferido das leituras de Montaigne que este ensaio teria sido escrito no início de 1586 (MONTAIGNE, 2001, p. 3). Essa data o situa num período altamente conturbado da história francesa, a oitava (e última) das guerras de religião, verdadeiras guerras civis que, naquela época já opunham católicos e protestantes há mais de 25 anos e que continuaram até depois da morte do autor dos *Ensaíos*. Homem influente e implicado na vida pública, Montaigne acompanhou os desdobramentos dessas lutas político-religiosas de perto. Foi chamado em algumas oportunidades para intermediar as negociações dos “príncipes” do seu

¹ Guy de Pernon escolhe como ponto de partida a edição de 1595 dos *Ensaíos* (a mesma escolhida pela famosa coleção “*Bibliothèque de la Pléiade*”, da editora Gallimard) para realizar uma tradução em francês moderno.

² Tradução de Rosemary Costhek Abílio, realizada a partir do texto do “exemplar de Bordeaux”, de 1588.

tempo. Participou, por exemplo, das negociações entre Henrique de Navarra (o futuro rei Henrique IV) e o Duque de Guise, mais de dez anos antes de escrever esse ensaio, e é provavelmente esse episódio que tem em mente quando evoca o seu papel de negociador entre os príncipes (§7).

3 Estrutura do ensaio

Os excertos que escolhemos traduzir, todos relacionados à temática da verdade e da mentira, não formam um conjunto contínuo. Estão disseminados em um ensaio cuja complexa estrutura é apresentada a seguir, com destaque para as partes traduzidas. Montaigne abre o ensaio com um primeiro parágrafo isolado do resto da discussão, no qual evoca a sua maneira de “falar para o papel” sem medo de dizer besteiras. Não resistimos à vontade de traduzir aqui sua primeira afirmação, mesmo que não diga respeito à verdade e à mentira, por ela dar uma ideia do tom cáustico e perspicaz do autor. “Ninguém está isento de dizer besteiras. O que é grave, é dizê-las seriamente” (2008, III, 1, §1)³, diz Montaigne, minimizando as consequências de possíveis erros de lógica no raciocínio dele. Mas logo prossegue (§2) com uma reflexão sobre a nobreza da atitude de Tibério, quando este se recusou a vencer um inimigo por métodos que não julgava dignos dos romanos (o envenenamento, no caso). Montaigne conclui sua reflexão sobre esse episódio histórico, que introduz a problemática do ensaio, afirmando: “Ele abriu mão do útil para o honesto” (2008, III, 1, §2)⁴. Além de chamar a atenção do leitor por meio da repetição do título, a própria escolha dos termos para nomear os conceitos evocados é uma evidente referência a toda a reflexão de Cícero a respeito desse tema. Citações oriundas de *De Officiis*, aparecendo em duas oportunidades ao longo do ensaio, confirmam o vínculo intelectual entre os dois autores. No terceiro parágrafo, Montaigne estabelece uma separação nítida entre o valor intrínseco da verdade e a intenção de quem a profere. Prossegue sua análise observando que nada é inútil na natureza e que até os vícios humanos desempenham uma função: ajudam a exercer as funções públicas, por exemplo (§5). Evoca a seguir a atitude do negociador perante os príncipes (§7), que deveria ser sincera e honesta (§8), leal e respeitosa

³ Todas as traduções apresentadas nesse artigo são de nossa autoria. Texto-fonte: “Personne n’est exempt de dire des bêtises. Ce qui est grave, c’est de les dire sérieusement.”

⁴ Texto-fonte: “Il laissa l’utile pour l’honnête”.

(§9). Não considera honorável ter um posicionamento ambíguo, sem escolher claramente entre dois partidos (§10), mas relembra que a responsabilidade de enfrentar reis “pertence aos reis” (§11). Continua com o tema da traição, da qual a mentira é um elemento essencial (§14 a 17) e explica como as leis o ajudaram a se liberar de tentativas de sujeições impostas por príncipes poderosos (§18). No §19, Montaigne justifica seu afastamento dos cargos públicos pela incompatibilidade entre as atitudes que estes exigem e sua concepção do que seja um comportamento correto e rebate, no parágrafo seguinte, a possibilidade de interpretar nesse seu posicionamento qualquer artifício ou cálculo de sua parte. Apesar de saber que o caminho da verdade é mais simples que aquele da mentira, reconhece que há vícios legítimos (§21) e que a justiça dos Estados difere da justiça em si (§22). Admite concordar com a dicotomia comumente feita entre útil e honesto, que “chama de desonestas e sujas certas ações naturais, não somente úteis, mas também necessárias” (2008, III, 1, §22)⁵. Volta então à questão da traição e aos exemplos históricos aos quais se afeiçoa, em uma longa série de parágrafos (§23 a 37), onde líderes romanos, gregos, russos, poloneses, franceses e árabes se sucedem para ilustrar aspectos do problema. Nesse ponto, Montaigne sente a necessidade de frisar que todos esses exemplos de traições devem ser considerados “exceções perigosas, raras e como que doências em relação às nossas regras naturais” (2008, III, 1, §38)⁶, reservadas à utilidade pública “evidente e muito importante” apenas, e que nenhum objetivo privado justifica que a elas se recorra. O autor lista algumas decisões de justiça que foram justamente adiadas ou injustamente modificadas (§39 e §40) para ilustrar suas ideias e aproveita essa progressão de sua reflexão para tratar do cumprimento das promessas (§41). Os §42 e 43 tratam dos costumes de outro grego, Epaminondas, capaz de cumprimentar um amigo em pleno combate e da possibilidade de não dissociar totalmente justiça e tempos de guerra. Montaigne utiliza esse exemplo, em seguida, para sustentar sua posição, segundo a qual o interesse público justifica a negação de suas convicções privadas (§44 e §45), e arguir em favor de atitudes mais humanas, especificamente em períodos de guerra (§46). O autor conclui o ensaio sobre o útil e o honesto se posicionando contra a

⁵ Texto-fonte: “qui appelle malhonnêtes et malpropres certaines actions naturelles, non seulement utiles, mais nécessaires”.

⁶ Texto-fonte: “des exceptions dangereuses, rares et comme malades par rapport à nos règles naturelles”.

corrente que coloca a utilidade em primeiro lugar e que nossas ações se tornam honestas por serem úteis a nós mesmos (§47).

Essa breve recapitulação dos temas evocados no primeiro ensaio do livro III permite observar que, de maneira semelhante aos demais ensaios, esse apresenta o estilo característico de Montaigne, com passagens rápidas de um assunto ao outro. Citações dos pensadores clássicos (principalmente os latinos, pois sua primeira língua era o latim, conhecendo-a intimamente) vêm complementar os exemplos comentados pelo autor. Com paciência e minúcia, o ensaísta se debruça sobre o tema principal que quer tratar: o útil e o honesto, com algumas digressões sobre assuntos paralelos que, nesse ensaio, não fogem totalmente do tema principal.

4 Escolha dos excertos traduzidos: a questão da verdade e da mentira

As partes que escolhemos traduzir dizem respeito à verdade e à mentira. Podem ser encontradas em algumas das digressões de Montaigne. Agrupadas na tradução, formam um conjunto homogêneo e representativo da visão do autor sobre a questão. Faz-se necessário, todavia, complementar essa abordagem com a leitura de outros ensaios para conseguir melhor se aproximar do pensamento de Montaigne sobre o assunto. Gisèle Mathieu-Castellan procurou estudar mais a fundo as relações entre verdade e mentira nos *Ensaíos* e as define como “singularmente complexas” (2000, p. 8), sugerindo ao leitor se perguntar sobre os caminhos seguidos pela verdade para aparecer, considerando que “a mentira diz a verdade às vezes, que a omissão frequentemente diz mais do que a confissão, que a dissimulação esclarece o que tenta encobrir” (2000, p.8)⁷.

5 Alguma relação com nossa realidade contemporânea?

Não há motivo para restringir a reflexão de Montaigne a respeito do útil (a palavra corrompida para atingir objetivos imediatos) e do honesto (relacionado a certa ideia do que seria a grandeza das ações e da alma) ao período histórico renascentista. O contexto histórico no qual o autor viveu foi, sem dúvida, marcado

⁷ Texto-fonte: “le mensonge parfois dit vrai, que l'omission souvent en dit plus que l'aveu, que la dissimulation éclaire ce qu'elle tente de couvrir”.

pela emergência da aliança entre o político e o econômico, que acarretou uma mudança nos valores atribuídos ao discurso. O aumento das trocas utilitaristas torna a palavra uma ferramenta importantíssima. Mas essa visão mercantilista capitalista do mundo, ainda incipiente à época, atingiu hoje um nível que pode ser qualificado de hegemônico. Na política, os reis e a alta nobreza foram substituídos, na maioria dos países, por políticos eleitos, que, supostamente, dedicam suas ações à construção do melhor futuro possível para os povos que governam. Se, como dizia Montaigne, “o bem público implica que se traia, que se minta, que se massacre” (2008, III, 1, §5)⁸, é provável que a relação entre dinheiro e política, bem como, muitas vezes, entre corrupção e política, esteja hoje mais claramente estabelecida para a maioria dos cidadãos. Outro paralelismo que podemos fazer entre as duas épocas diz respeito às guerras por motivos religiosos. Nem o Iluminismo, nem os avanços da Ciência conseguiram extinguir esse tipo de conflito o autor presenciou durante mais de metade da sua vida. Outras religiões integraram os participantes dos conflitos modernos e novos rótulos foram criados para nomear os beligerantes (terroristas, coalizões, forças de “manutenção da paz” etc.). Contudo, a relação entre os motivos financeiros e as guerras ficaram mais evidentes aos olhos dos cidadãos de hoje e, conseqüentemente, fica cada vez mais difícil para os dirigentes mentir, invocando motivos falsos para suas intervenções militares, sem serem desmascarados, a médio prazo. As palavras de Montaigne, que continuam sendo lidas e relidas no século XXI, podem ajudar no processo de conscientização a respeito dessa questão.

Resta se perguntar se o papel do negociador, tal qual descrito por Montaigne, utilizando sua própria atitude como referência ainda existe. É provável que “a sinceridade e a autenticidade” não sejam os primeiros princípios ensinados aos diplomatas e que existam muitos “homens duplos” entre eles. Para não concluir equivocadamente que o ensaísta se conforma e acaba aceitando a falsidade como meio de atingir objetivos na vida pública, reservando a virtude absoluta aos assuntos privados, sugerimos ao leitor dar continuidade às leituras de Montaigne, conhecendo outras reflexões sobre a verdade e a mentira propostas pelo autor nos seus demais ensaios.

⁸ Texto-fonte: le bien public attend qu'on trahisse, qu'on mente, qu'on massacre”.

6 Os excertos traduzidos

Apresentamos uma seleção e tradução de excertos do Capítulo 1 do Livro III dos *Ensaio*s de Michel de Montaigne, que dizem respeito à questão da verdade e da mentira⁹.

<p>Sur ce qui est utile et ce qui est honnête</p>	<p>Sobre o útil e o honesto</p>
<p>§3: [...] Mais la reconnaissance de la vertu n'a pas moins de portée dans la bouche de celui qui la hait : la vérité la lui arrache de force, et s'il ne veut l'accepter de lui-même, au moins s'en couvre-t-il comme d'une parure.</p>	<p>§3: [...] Mas o reconhecimento da virtude não tem menos valor na boca de quem a odeia: a verdade o extirpa à força e, se não a quer aceitar por vontade própria, ao menos utiliza-a como adorno.</p>
<p>§5: [...] le bien public attend qu'on trahisse, qu'on mente, qu'on massacre [...]</p>	<p>§5: [...] o bem público implica que se traia, que se minta, que se massacre [...]</p>
<p>§7: Dans le peu que j'ai eu à négocier entre nos princes, dans ces divisions et subdivisions qui nous déchirent aujourd'hui, j'ai soigneusement évité qu'ils ne puissent se méprendre sur mon compte et être abusés par mon apparence. Les gens du métier se tiennent le plus à couvert possible, et affectent d'être les plus modérés et les plus compréhensifs qu'il leur est possible. Moi au contraire, je me montre par mes opinions les plus tranchées et ma façon d'être la plus personnelle. Négociateur encore tendre et novice, j'aime mieux manquer à ma mission que me manquer à moi-même. Et j'ai connu pourtant jusqu'à présent un tel succès en ces matières – même si la chance y</p>	<p>§7: No pouco que tive de negociar entre nossos príncipes, nessas divisões e subdivisões que nos dilaceram nesse momento, evitei cuidadosamente que se equivocassem a meu respeito e se deixassem enganar por minha aparência. Os profissionais do ramo se acobertam o máximo que podem e fingem ser os mais moderados e compreensivos tanto quanto lhes é possível. Eu, ao contrário, mostro-me por meio das minhas opiniões mais firmes e minha maneira mais pessoal de ser. Negociador ainda cru e novato, prefiro falhar à minha missão do que falhar comigo mesmo. E conheci, apesar disso, até agora, um sucesso tão grande nesses assuntos – mesmo que a sorte tenha tido aí o maior peso – que bem poucos</p>

⁹ As notas que se encontram no ensaio traduzido seguem a numeração do original (sem relação com a parte anterior).

<p>a eu certes la plus grande part – que bien peu sont passés d'un parti à l'autre avec moins de soupçon, et plus de faveur et de familiarité.</p>	<p>passaram de um partido para outro com menos desconfiança e mais simpatia e familiaridade.</p>
<p>§8: J'ai une attitude ouverte qui me permet de m'insinuer facilement dans un groupe de personnes et d'inspirer confiance dès le premier abord. La sincérité et l'authenticité, en quelque siècle que ce soit, demeurent bienvenues et trouvent aisément leur place. Et la liberté de ceux qui oeuvrent de façon vraiment désintéressée est peu suspecte et plutôt bien acceptée; ceux-là peuvent bien reprendre à leur compte la réponse d'Hypéride aux Athéniens qui se plaignaient de la dureté de son langage : «Messieurs, ne vous demandez pas si je suis libre, mais si je le suis sans rien attendre et sans rien tirer de cela pour mes propres affaires.» Ma liberté m'a également délivré du soupçon d'hypocrisie, de par sa vigueur – je n'ai jamais rien caché aux autres, si désagréable et pénible que ce soit, et en leur absence, je n'aurais pas dit pire que cela – mais aussi parce qu'elle montre un certain naturel et un certain détachement. En agissant, je ne prétends à rien d'autre que d'agir, et je n'attache pas à cela des projets lointains; chaque action joue son rôle propre: qu'elle aboutisse si elle peut.</p>	<p>§8: Tenho uma atitude aberta que me permite inserir-me facilmente num grupo de pessoas e inspirar confiança logo de início. A sinceridade e a autenticidade, em qualquer século que seja, permanecem bem-vindas e encontram facilmente o seu lugar. E a liberdade daqueles que trabalham de forma verdadeiramente desinteressada é pouco suspeita e geralmente bem aceita; estes podem se apropriar da resposta de Hipérides aos atenienses que se queixavam da dureza de sua linguagem: “Senhores, não se perguntem se sou livre, mas se o sou sem nada esperar, nem disso tirar nenhum proveito para meus próprios negócios”. Minha liberdade também me livrou da suspeita de hipocrisia, por conta de seu vigor – nunca escondi nada de alguém, por mais desagradável e delicado que fosse, e na sua ausência não teria falado algo pior – mas também porque ela mostra certo lado natural e certo desapego. Ao agir, não pretendo fazer outra coisa senão agir e não atrelo a isso projetos longínquos; cada ação tem sua própria função: que tenha êxito se puder.</p>
<p>§10: [...] Mais se tenir hésitant et tiraillé entre les opinions de deux partis, se tenir indifférent et sans pencher d'aucun côté au beau milieu des troubles qui déchirent son pays, je ne trouve cela ni beau, ni honorable. «Ce n'est pas choisir la voie moyenne, c'est n'en</p>	<p>§10: [...] Mas permanecer hesitante e dividido entre as opiniões de dois partidos, permanecer indiferente, sem escolher nenhum lado, no meio das turbulências que afligem seu país, não acho isso nem bonito, nem honorável. “Não é escolher a via intermediária, é optar por nenhuma; é</p>

<p>prendre aucune; c'est attendre l'événement pour tomber du bon côté» [Tite-Live Annales ou Histoire romaine XXXII, 21]</p> <p>§14: L'autre façon de se consacrer de toutes ses forces aux uns et aux autres, relève encore moins de la prudence que de la conscience. Quand vous trahissez quelqu'un avec qui vous êtes en bons rapports, au profit d'un autre, cet autre ne sait-il pas que vous allez en faire autant avec lui ensuite ? Il vous tient pour un méchant homme; mais cependant il vous écoute, tire parti de vous, et fait son profit de votre déloyauté. C'est que les hommes «doubles» sont utiles par ce qu'ils fournissent; mais il faut faire en sorte qu'ils en emportent le moins possible.</p> <p>§15: Je ne dis rien à l'un que je ne puisse dire à l'autre, le moment venu, en changeant seulement un peu l'accent; et je ne leur rapporte que les choses qui sont indifférentes ou déjà connues, ou qui sont utiles aux deux. Mais il n'y a pas de chose utile pour laquelle je me permette de leur mentir. Ce qui a été confié à mon silence, je le cache scrupuleusement; mais je me charge de secrets aussi peu que possible. Garder les secrets des princes est une charge dérangeante pour qui n'en a que faire. Je propose volontiers ce marché: qu'ils me confient peu de chose, mais qu'ils aient confiance en ce que je leur révèle: j'en ai toujours su plus que je n'ai voulu.</p> <p>§16: Parler de façon ouverte et franche incite l'autre à parler de même, fait</p>	<p>aguardar o evento para ficar do lado certo” [Tito Lívio Anais ou História romana XXXII, 21]</p> <p>§14: A outra maneira de se dedicar com todas as suas forças a uns e outros tem ainda menos a ver com a prudência do que com a consciência. Quando você trai alguém com quem tem uma boa relação, para beneficiar outro, não sabe este último que você vai fazer o mesmo com ele depois? Ele acha que você é um homem mau; todavia, ele escuta você, se aproveita de você, e se beneficia de sua deslealdade. É que os homens “duplos” são úteis pelo que fornecem; mas é preciso fazer com que obtenham o mínimo possível.</p> <p>§15: Não digo nada a um que não possa dizer ao outro, quando chegar o momento, mudando apenas um pouco a maneira de fazê-lo; e lhes transmito apenas elementos que sejam indiferentes ou já conhecidos, ou que sejam úteis a ambos. Mas não há coisa útil pela qual me permito lhes mentir. O que foi confiado a meu silêncio, escondo-o escrupulosamente; mas me encarrego de segredos tão pouco quanto for possível. Guardar os segredos dos príncipes é uma missão que incomoda a quem não lhe dá valor. A minha proposta é esta: que me confiem poucas coisas, mas que confiem sempre no que lhes revelo: eu sempre soube mais do que quis.</p> <p>§16: Falar de maneira aberta e franca incita o outro a falar da mesma forma, faz</p>
---	---

<p>couler ses paroles, comme font le vin et l'amour.</p>	<p>jorrar suas palavras, como fazem o vinho e o amor.</p>
<p>§17: Au roi Lysimaque⁹ qui lui demandait: «Que veux-tu que je te donne de mes biens ?», Philippide¹⁰ répondit, sagement à mon avis: «Ce que tu voudras, pourvu que cela ne fasse pas partie de tes secrets.» Je constate que chacun se rebelle si on lui cache le fond des affaires pour lesquelles on l'emploie, si on lui en dissimule les arrière-pensées. En ce qui me concerne, je suis bien heureux qu'on ne m'en dise pas plus que ce que l'on veut me voir mettre en œuvre, et je ne désire pas que ce que je sais aille au-delà de ce que je peux dire. Si je dois servir d'instrument de tromperie, que ce soit au moins sans en avoir conscience. Je ne veux pas être tenu pour un serviteur si affectionné et si loyal que l'on me trouve bon à trahir qui que ce soit. Qui est infidèle à lui-même est bien excusable de l'être envers son maître.</p>	<p>§17: Ao rei Lisímaco⁹ que lhe perguntava: “o que você quer que te dê de minhas posses?” Filípedes¹⁰ respondeu, sabiamente, ao meu ver: “o que quiseses, conquanto não faça parte de teus segredos”. Constatato que todos se rebelam se lhes escondemos os motivos subjacentes dos negócios para os quais os empregamos, se lhes dissimulamos as segundas intenções. Por mim, estou bem feliz quando não me dizem mais do que querem que eu faça, e não desejo que o que eu sei vá além do que posso dizer. Se devo servir de instrumento de fraude, que ao menos seja sem ter ciência disso. Não quero ser tido por um servidor tão afeiçoado e tão leal que me julguem capaz de trair quem quer que seja. Quem é infiel a si mesmo é também justificável que o seja em relação a seu mestre.</p>
<p>§19: [...]l'innocence elle-même ne saurait aujourd'hui ni négocier sans dissimulation, ni marchander sans mensonge. C'est pourquoi les fonctions publiques ne constituent pas mon objectif. [...]</p>	<p>§19: [...] a própria inocência não poderia, hoje, nem negociar sem dissimulação, nem tratar sem mentira. Por esse motivo, os cargos públicos não constituem meu objetivo. [...]</p>
<p>§21: La voie de la vérité est une et simple, celle du profit particulier et de la réussite des affaires dont on a la charge, double, chaotique et hasardeuse. J'ai souvent vu employées ces libertés affectées et artificielles, mais le plus souvent sans succès. Elles font un peu penser à l'«âne d'Ésope»¹²,</p>	<p>§21: O caminho da verdade é um e simples, aquele do proveito particular e do sucesso dos negócios que nos cabem, duplo, caótico e inseguro. Repetidamente vi essas liberdades afetadas e artificiais serem utilizadas, mas, sem sucesso, na maioria das vezes. Lembram-me um pouco o “burro de Esopo”¹², o qual, por</p>

<p>qui, parce qu'il voulait égaler le chien, vint se jeter gaiement, les pattes en avant, sur les épaules de son maître ; mais autant le chien en retour recevait de caresses pour cette façon de lui faire fête, autant le pauvre âne reçut de coups de bâton, et même deux fois plus. «Ce qui nous sied le mieux c'est ce qui nous est le plus naturel» [Cicéron De Officiis I, 31] Je ne veux pas ôter à la tromperie la place qui lui revient : je sais qu'elle a souvent été utilisée avec profit, et qu'elle entretient et alimente la plupart des activités humaines. Il y a des vices légitimes, comme il y a beaucoup d'actions bonnes, ou excusables, qui sont illégitimes.</p>	<p>querer se igualar ao cão, lançou alegremente suas patas sobre os ombros de seu dono; mas, se o cão recebia carinhos em troca dessa maneira de festejá-lo, o coitado do burro recebeu pauladas, e em dobro. “O que mais nos convém é o que nos é mais natural” [Cícero De Officiis I, 31]. Não quero tirar à enganação o lugar que é dela: sei que foi frequentemente utilizada com proveito e que mantém e alimenta a maioria das atividades humanas. Há vícios legítimos, como há muitas ações boas, ou perdoáveis, que são ilegítimas.</p>
<p>§38: Les exemples précédents de manquement à la parole donnée sont des exceptions dangereuses, rares et comme malades par rapport à nos règles naturelles. Il faut y céder, mais avec la plus grande modération et circonspection. Aucun objectif privé ne mérite que nous fassions ainsi violence à notre conscience; l'utilité publique, soit ! – lorsqu'elle est évidente et très importante.</p>	<p>§38: Os exemplos precedentes de não cumprimento da palavra dada são exceções perigosas, raras e doentias em relação a nossas regras naturais. É necessário ceder a isso, mas com grande moderação e circunspeção. Nenhum objetivo privado merece que assim violentemos nossa consciência; por utilidade pública, que seja! – quando esta é evidente e muito importante.</p>
<p>§41: [...] La seule occasion dans laquelle l'intérêt personnel peut nous fournir une excuse à ne pas tenir notre promesse, c'est lorsque nous avons promis quelque chose de mauvais et d'inique en soi – car le droit de la vertu doit prévaloir sur le droit qui régleme nos obligations.</p>	<p>§41: [...] A única ocasião para a qual o interesse pessoal pode fornecer uma desculpa para não cumprirmos a nossa promessa é quando prometemos algo ruim e iníquo em si – pois o direito da virtude deve prevalecer sobre o direito que rege as nossas obrigações.</p>

Notas presentes no ensaio original (e suas respectivas traduções):

9. *Roi de Thrace, lieutenant d'Alexandre et l'un de ses successeurs.* / Rei da Trácia, tenente de Alexandre e um dos seus sucessores.

10. *Probablement un acteur de comédie. Cf. Plutarque (Amyot), De la curiosité c, 4, C. [Jacques Amyot, traducteur de Plutarque que lit Montaigne] / Provavelmente um ator de comédia. Cf. Plutarque (Amyot), De la curiosité c, 4, C.*

12. *Fable d'Ésope que La Fontaine reprinted dans « L'âne et le petit chien », Fables, IV, 5. / Fábula de Esopo que La Fontaine reutiliza no "L'âne et le petit chien", Fábulas, IV, 5.*

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. O escritor Montaigne. In: AUERBACH, Erich. *Ensaíos da literatura ocidental: filologia e crítica*. Organizado por Davi Arrigucci e Samuel Titan Jr.; tradução de Samuel Titan Jr. e José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Livraria Duas Cidades; Editora 34, 2007. p.145-166

MATHIEU-CASTELLANI, Gisèle. *Montaigne ou la Vérité du Mensonge*. Genève: Librairie Droz, 2000.

MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaíos*. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MONTAIGNE, Michel de. *Les Essais – III: traduction en français moderne* Leogeats: Editeur Guy de Pernon, 2008. v. 3.

MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaíos*. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Coleção Penguin)

Recebido em 30/05/2018

Aceito em 06/09/2018

Publicado em 07/09/2018